

Agora, o Brasil precisa de US\$ 4 bi

Davos (Suíça) — O Brasil precisará provavelmente de mais US\$ 4 bilhões em empréstimos de bancos comerciais em 1985, afirmou ontem, em Davos, o ministro Ernane Galvão, da Fazenda, ao falar aos empresários que participam do European Management Forum. Galvão evitou especificar a soma exata, mas prevê que será de aproximadamente a metade dos US\$ 8 bilhões que o Brasil pediu emprestado no ano passado.

O ex-ministro Calmon de Sá, que acompanha Galvão, confirmou a necessidade de o Brasil buscar mais US\$ 4 bilhões no mercado financeiro internacional em 85 e adiantou que as negociações neste sentido serão iniciadas nos próximos três ou quatro meses. O Brasil acaba de negociar novos empréstimos bancários no total de US\$ 6,5 bilhões para cobrir suas necessidades deste ano.

Galvão afirmou que o país desejaria ver imposições do FMI em relação também aos países industrializados. "É natural que o Fundo faça exigências de austeridade aos países em desenvolvimento, que representam grandes devedores, como é o caso do Brasil. É desejável, também, que o FMI possa agir contra a política econômica dos Estados Unidos que, com seu déficit orçamentário gigantesco, provoca e alimenta a elevação das taxas de juros".

Galvão disse que esta alta de juros causa graves consequências para todas as nações devedoras, especialmente o Brasil, com a maior dívida do mundo. "Com grande esforço de parte a parte, o Brasil conseguiu assinar com a comunidade bancária privada os 4 projetos da fase II, envolvendo um empréstimo-jumbo de 6,5 bilhões de dólares, rolagem, de amortizações no valor de 5 bilhões de dólares e compromisso de manutenção dos níveis das linhas de crédito interbancário e comercial nos montantes respectivos de 6 bilhões e 10 bilhões de dólares".

Este esquema de equilíbrio da dívida externa do Brasil se baseia, no entanto em duas premissas — taxas mais ou menos estáveis de juros internacionais, atualmente em torno de 10 por cento, e um aumento global no comércio internacional em torno de 5 por cento, sem que este acréscimo implique no recrudescimento do protecionismo, seja por medidas tarifárias ou não-tarifárias.

Galvão aproveitará sua estada na Europa para contatos com banqueiros suíços e escandinavos, com vistas aos contatos iniciais da fase III da negociação da dívida brasileira — parte para fechar 1984, porque os créditos conseguidos não serão suficientes para cobrir juros, royalties e assistência técnica, e parte para adiantar os pagamentos de 1985. É preciso não esquecer que nas primeiras negociações para fechar as contas de 1983/1984, o Brasil havia pedido um mínimo de 9 bilhões de dólares em dinheiro novo, soma esta que foi "minguando", aos poucos, até estabilizar em 6,5 bilhões de dólares, cifra que mesmo assim foi bastante difícil de se conseguir, uma vez que está sendo "conversada" desde o mês de setembro.